



(<https://focusonthekingdom.org/>)

A Natureza da Pré-Existência no Novo Testamento

por *Anthony F. Buzzard*

Título Original (em Inglês):

“The Nature of Preexistence in the New Testament”.

(Publicado em “*A Journal from the Radical Reformation*” (Um Jomal de Reforma Radical), outono de 1996, Vol. 6, No. 1.)

Tradução (*Translation*):

Fernando Coutinho Sánchez

(ferjoscoustan@gmail.com)

Osorno - Machalí, Chile,

agosto de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



Dentro da tradição cristã, o Novo Testamento é lido há muito tempo através do prisma dos credos conciliares posteriores... Falar de Jesus como Filho de Deus teve uma conotação muito diferente no primeiro século do que teve desde Niceia. Falar da sua pré-existência deveria provavelmente ser entendido na maioria dos casos, talvez em todos, por analogia com a pré-existência da Torá, como uma indicação do eterno propósito divino que é alcançado através dela, em vez de uma pré-existência de qualquer tipo. [1]

As principais igrejas estão comprometidas com uma certa doutrina sobre Jesus, mas os estudiosos do pensamento cristão primitivo estão a questionar os argumentos pelos quais esta doutrina foi elaborada. Os estudiosos do Novo Testamento questionam se o Novo Testamento ensina isso, e os historiadores interrogam-se sobre o abismo entre o próprio Jesus e o Cristianismo plenamente desenvolvido. Estas questões são muito perturbadoras, porque implicam que o Cristianismo pode estar em piores condições do que se pensava anteriormente.

Pode não ser uma estrutura basicamente sólida que apenas necessite de ser modernizada, mas pode necessitar de uma reconstrução radical... O Novo Testamento nunca sugere que a frase “Filho de Deus” significa simplesmente “Deus”. [2]

O Novo Testamento é um livro completamente judaico. Os seus escritores eram quase todos judeus. A provável exceção foi Lucas (que, no entanto, é tão judeu como qualquer dos escritores no que respeita ao seu deleite na salvação judaica oferecida em Jesus tanto a judeus como a gentios). Os leitores modernos da Bíblia abordam questões bíblicas básicas com uma perspectiva grega profundamente enraizada sobre a vida. Herdaram isto das igrejas, que muitas vezes se esqueceram que Jesus era um judeu que pensava e ensinava em categorias judaicas.

A ideia de que a alma está separada do corpo e sobrevive conscientemente separada do corpo é uma ideia completamente antijudaica (pelo menos na perspectiva do Antigo Testamento). Os leitores modernos da Bíblia ficam surpreendidos ao descobrir que na Bíblia o homem inteiro morre e fica inconsciente (“sono”) e só volta à vida através da futura ressurreição da pessoa inteira.

A noção de que Jesus estava realmente vivo e consciente antes do seu nascimento em Belém é também uma ideia muito antijudaica. Os seres humanos no pensamento hebraico não existem conscientemente antes de nascerem. A preexistência das almas pertence ao mundo da filosofia grega e foi apoiada por alguns padres da igreja. Mas não derivaram esta ideia da Bíblia.

I. PRÉ-CONHECIMENTO E PRÉ-EXISTÊNCIA

Quando o judeu disse que algo estava “predestinado”, pensou que já “existia” numa esfera superior da vida. A história do mundo está assim predestinada porque, num certo sentido, é já pré-existente e, conseqüentemente, fixa. Esta conceção tipicamente judaica de predestinação pode ser distinguida da ideia grega de preexistência pela predominância do pensamento de “preexistência” no propósito Divino. [3]

O nosso estudioso prossegue dizendo-nos que este modo típico de pensamento judaico é claramente ilustrado em 1 Pedro. A carta é dirigida aos “eleitos segundo a presciência [prognóstico] de Deus Pai”. [4] A doutrina de Pedro sobre as coisas futuras está impregnada do mesmo pensamento de que tudo está predestinado no grande Plano de Deus. Deus vê tudo apresentado diante d’Ele. Segundo Pedro, o próprio Messias era conhecido de antemão, *não só a sua morte pelos nossos pecados, mas também a pessoa do próprio Messias*. [5] Pedro utiliza a mesma palavra para descrever a “existência” de Cristo no plano de Deus e para descrever a “existência” da igreja cristã (*versículo 2*).

Embora o Messias fosse conhecido de antemão (não conhecido, *mas de antemão conhecido*, como Jeremias era antes do seu nascimento, *Jeremias 1:5*), manifestou-se ao ser trazido à existência real no seu nascimento. Esta é uma forma tipicamente judaica de compreender o propósito de Deus para a humanidade. Execute o Plano no momento certo.

O tipo de “preexistência” que Pedro tem em mente é aquele que se adapta ao ambiente judaico, e não à atmosfera grega do cristianismo posterior.

Não temos o direito de dizer que Pedro estava familiarizado com a ideia da preexistência de Cristo com o Pai antes da encarnação. Pois esta ideia não está necessariamente implícita na sua descrição de Cristo como “pré-conhecido antes da fundação do mundo”, uma vez que os cristãos são também objetos da presciência de Deus. Tudo o que podemos dizer é que a frase

“*pro kataboles kosmou*” [antes da fundação do mundo] afirma que o ofício e a obra de Cristo têm um alcance e uma importância supramundanos... Pedro não estendeu a sua crença na divindade de Cristo a uma afirmação da sua pré-existência: a sua cristologia é mais parecida com a dos primeiros capítulos dos Atos do que com a de João e Paulo. [6]

Pedro, como apóstolo principal, [7] não teria simpatizado com uma visão trinitária ou ariana (compare-se as modernas Testemunhas de Jeová) de Jesus. Observamos também que a salvação futura dos cristãos, o Reino que herdarão quando Cristo voltar, também está à espera no céu “pronto para ser revelado no último tempo”. [8] A Segunda Vinda será, portanto, um “apocalipse” ou revelação do que agora “existe”, mas está escondido da nossa vista. É por isso que se diz de Jesus que era “pre-conhecido” e esperava ser *revelado* no bom tempo de Deus.

Paulo utiliza o mesmo conceito e linguagem sobre o futuro dos santos. Diz que “*temos agora um edifício da parte de Deus, uma casa não feita por mãos de homens, eterna [na era vindoura], nos céus*”. [9] O nosso futuro corpo ressuscitado já “existe” na intenção de Deus e pode ser considerado real porque é certo que se manifestará no futuro. Nesse sentido, nós “temos” isso, embora obviamente ainda não o tenhamos literalmente.

Tendo compreendido este facto elementar da teologia judaica, não será difícil ajustar a nossa compreensão de outras passagens onde se encontra o mesmo princípio de “existência” seguido de manifestação real. É por isso que Jesus diz em *João 17:5*: “*E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse*”. Com base em *2 Coríntios 5:1*, um cristão no futuro, após a ressurreição, quando Cristo regressar, poderá dizer que recebeu agora o que já “tinha”, isto é, o que tinha armazenado no depósito de Deus plano. Diz-se que os cristãos têm um tesouro no céu, [10] isto é, uma recompensa depositada em Deus e destinada a ser conferida no futuro. Isto significa apenas que um dia “herdarão o Reino que lhes está preparado desde a fundação do mundo”. [11]

Quando Jesus diz que “teve” a glória pela qual ora agora, está simplesmente a pedir a glória que sabia que Deus tinha preparado para ele desde o início. [12] Esta glória existia no plano de Deus e nesse sentido Jesus já a “tinha”. Notamos que Jesus não disse: “*Devolve-me a glória que tive quando vivia contigo antes de nascer*.” Esta noção teria sido completamente estranha ao Judaísmo. É bastante desnecessário e, de facto, incorreto ler ideias gentílicas no texto das Escrituras quando podemos compreendê-las tal como são apresentadas no seu contexto judaico.

A chamada “preexistência” de Jesus em João refere-se à sua “existência” no Plano de Deus. A igreja tem sido atormentada pela introdução de linguagem antibíblica. Existe uma palavra perfeitamente boa para preexistência “real” na língua grega (*prouparchon*). É muito significativo que não apareça em parte alguma das Escrituras, mas aparece nos escritos dos padres da igreja grega do século II. Estes comentadores gregos das Escrituras não conseguiram compreender as categorias hebraicas de pensamento em que o Novo Testamento está escrito.

A chamada “existência pré-humana” de Cristo na Bíblia refere-se à existência anterior de *Jesus no Plano e visão de Deus*. Isto é muito significativo para a compreensão que Jesus tinha de Si mesmo como Filho do Homem. O Filho do Homem encontra-se no livro de Daniel. Ele “pré-existe” apenas no sentido em que Deus nos concede uma visão do Seu Plano para o futuro. O Filho do Homem é um ser *humano* – é isso que as palavras significam. Portanto, o que João quer que entendamos é que o Messias humano estava no céu antes do seu nascimento e foi visto na *visão do futuro de Daniel (Daniel 7)*. [13] Jesus na sua ascensão obteve a posição que lhe tinha sido

preparada no Plano de Deus. Nenhum texto diz que Jesus regressou (*upostrepho*) a Deus, embora esta ideia tenha aparecido em algumas traduções modernas para português para apoiar a “ortodoxia”. Esta tradução do grego “ir ao Pai” como “regressar ao Pai” conta a sua própria história. [14]

O Filho do Homem não é um anjo. Nunca nenhum anjo foi chamado “Filho do Homem” (= membro da raça humana; não é de admirar o auto título favorito de Jesus). Chamar anjo ao Messias seria uma confusão de categorias. Por conseguinte, os estudiosos relatam corretamente que a existência do Messias *antes do seu nascimento em Belém* é desconhecida no Judaísmo: “O Judaísmo nunca conheceu nada sobre uma preexistência peculiar do Messias antes do seu nascimento como ser humano”. [15] “A predominância da ideia em qualquer círculo judaico não pode ser seriamente sustentada. “O Judaísmo nada sabia sobre o homem ideal [literalmente] *pré-existente*”. [16]

Afirmar “estar antes de Abraão” [17] não significa que se lembre de estar vivo antes de nascer. Isto é pensar como um grego que acredita na preexistência das almas. No pensamento hebraico do Novo Testamento, alguém pode “existir” como parte do Plano de Deus, assim como o tabernáculo, o templo, o arrependimento e outros elementos importantes do propósito Divino. [18] Até Moisés pré-existiu neste sentido. [19] O apóstolo João poderia também dizer que Cristo foi “crucificado antes da fundação do mundo”. [20] Isto dá-nos uma pista valiosa sobre a forma como os escritores do Novo Testamento entendiam a “pré-existência”.

Existem vários exemplos de tempos passados na Bíblia Hebraica que, na verdade, se referem a acontecimentos futuros. São “passados” porque descrevem acontecimentos fixados nos conselhos de Deus. Os leitores da Bíblia ignoram esta forma de pensar muito judaica quando concluem que, quando Jesus disse que “teve” glória junto do Pai desde a fundação do mundo, quis dizer que estava vivo nessa época. Certamente, num quadro ocidental, a interpretação tradicional é razoável. Mas o Messias deve ser compreendido no seu próprio ambiente hebraico.

Há um completo silêncio sobre qualquer preexistência real de Cristo em Mateus, Marcos, Lucas, Atos e Pedro. Não só não implicam um Filho pré-humano de Deus, como contradizem a ideia ao falar da origem de Jesus (*Mateus 1:18*) e da sua geração como Filho (*Mateus 1:20*) no *ventre de Maria*. Para os arianos esta seria uma segunda geração. Lucas não sabe nada sobre tal ideia. Os leitores imparciais verão (como reconhece um grande número de estudiosos da Bíblia) que o Jesus de Mateus, Marcos, Lucas, Atos e Pedro é um ser humano que teve origem desde o nascimento, tal como todas as outras pessoas humanas. Ele não pré-existiu.

É uma imposição séria ao Evangelho de João compreender que ele ensina um tipo de Jesus diferente do de Mateus, Marcos e Lucas – alguém que é na verdade um anjo ou Deus que aparece como um homem. Tal Messias não-humano é estranho não só ao resto do Novo Testamento, mas a toda a revelação de Deus no Antigo Testamento em relação à Sua definição do Messias vindouro. *Deuterónimo 18* diz expressamente que o Messias surgirá de uma família em Israel. Todos os judeus que esperavam o Messias esperavam uma pessoa humana, não um anjo, muito menos o próprio Deus! Embora os judeus não tivessem compreendido que o Messias nasceria sobrenaturalmente, até esta geração milagrosa foi de facto predita. [21] No entanto, em parte alguma é sugerido um Messias “pré-humano”.

De acordo com *Isaiás 44:24*, Deus estava sozinho na criação original. Jesus nos Evangelhos atribui a criação ao Pai [22] e não se recorda de ter sido o agente na criação do Génesis.

“Deus fala de coisas que não existem *como se já existissem*”. [23] É um erro confundir a “existência” no Plano de Deus com a pré-existência real, produzindo assim um Jesus não totalmente humano. O Cristo da expectativa bíblica é uma pessoa humana. É aí que reside a maior glória da sua conquista para nós.

O apóstolo “Rocha” a quem Jesus designou para “apascentar as minhas ovelhas” deu-nos uma lição sobre como compreender o significado da preexistência como presciência e predestinação. Foi Pedro cujo reconhecimento de Jesus como *Messias* foi recebido com a aprovação de Jesus. Pedro e João compreenderam que a glória que Jesus já “tinha” é a mesma glória que os crentes depois do tempo de Jesus (e, portanto, ainda não nascidos quando Jesus falou) também “receberam”. [24] Isto significa apenas que as coisas que estão fixadas nos conselhos de Deus “existem” num sentido diferente da existência real. Devemos escolher se entendemos a linguagem do Novo Testamento como ocidentais modernos ou como simpatizantes de Jesus e da sua cultura judaica. Um versículo do Apocalipse fala de coisas que “existiam” antes de serem criadas: “*Elas eram e foram criadas*”. [25]

A compreensão do contexto do Novo Testamento revela que os judeus acreditavam que Moisés “pré-existia” nos conselhos de Deus, mas não realmente como uma pessoa consciente:

Pois assim decretou o Senhor do mundo: Ele criou o mundo por amor ao Seu povo, mas não revelou este propósito de criação desde o princípio do mundo para que as nações fossem declaradas culpadas... Mas Ele designou-me e projetou-me, que foi preparado desde o princípio do mundo para ser o mediador da aliança (*Testamento de Moisés*, 1:13, 14).

Se Moisés foi decretado no Plano de Deus, faz todo o sentido que o próprio Messias tenha sido o propósito para o qual Deus criou tudo.

II. UMA MUDANÇA DE PENSAMENTO NOS “PAIS DA IGREJA”

A proposição introduzida pelos “Pais da Igreja” gentios de que Jesus era um segundo “membro” da Divindade (ortodoxia) ou um anjo criado lançou todo o controverso problema da natureza de Cristo em relação à Divindade e lançou um véu sobre a verdade. Messianismo de Jesus e o seu Evangelho Messiânico sobre o Reino. Jesus de Nazaré é aquilo em que a Palavra de João 1:1 *se tornou*. [26] Ele é a expressão única, enquanto ser humano, da Sabedoria de Deus. Foi a Sabedoria de Deus que existiu desde o princípio, e essa Sabedoria tornou-se uma pessoa na concepção de Jesus. Esta explicação deixa intacta a grande doutrina fundamental de que o Deus Único é o Pai e que Jesus é o Senhor Messias, e não o Senhor Deus. [27]

É muito significativo que Paulo fale frequentemente do evangelho como se estivesse oculto nos conselhos de Deus desde “eras passadas”. [28] Diz ainda que o Filho de Deus “*veio à existência*” de uma mulher e da descendência de David. [29] É inimaginável que Paulo pudesse ter acreditado na preexistência do Filho. Seria falso dizer que o Filho nasceu no momento do seu nascimento, se na realidade sempre existiu. É muito mais razoável presumir que Paulo concordou com Pedro que o Messias estava oculto nos conselhos divinos e depois foi revelado na plenitude dos tempos. [30]

Finalmente, é altamente irracional afirmar que a “Sabedoria” em Provérbios (isto é, “Senhora Sabedoria”) era de facto Jesus pré-existente, o Filho. A “sabedoria” aqui é a personificação de uma qualidade divina, não de uma pessoa. A prova disso encontra-se não só em todos os comentários

importantes, mas muito claramente no próprio texto: “Eu, a Sabedoria, habito na Prudência...”
[31] Se a Sabedoria é verdadeiramente um Filho (masculino) de Deus, então Quem é a Prudência?

Os propósitos e as personificações pré-existentes fazem parte da literatura do Judaísmo. Um Messias não-humano não o é. Um Messias que não seja originalmente um ser humano está muito mais próximo da ideia pagã das almas pré-existentes e dos “iões” gnósticos. Foi esta invasão precoce do paganismo que infelizmente começou a corromper a fé, tal como Pedro e Paulo alertaram. [32]

Esta intromissão do paganismo resultou numa linguagem muito estranha sobre Jesus. A sua “existência pré-humana” indica o facto de que ele não é realmente um ser humano. Existiu como um anjo antes de nascer. Isto está próximo da ideia de “*Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós*” (*Atos 14:11*). Tal Jesus soa como uma figura de salvador pagão. Houve muitos destes salvadores cósmicos no mundo greco-romano. Mas houve apenas um Messias cuja identidade foi revelada muito antes do seu nascimento. Era conhecido de antemão e surgiria da Casa de Israel, um judeu da tribo de Judá (*Deuterónimo 18:15-18*). Os cristãos devem ter o cuidado de reivindicar lealdade para com este Salvador. Adorar um Salvador com ideias erradas sobre Ele corre o risco de adorar outro Salvador.

Notas Finales

- [1] Maurice Wiles, “*The Remaking of Christian Doctrine*” A Reformulação da Doutrina Cristã, The Hulsean Lectures 1973, London: SCM Press, 1974.
- [2] Don Cupitt, “*The Debate About Christ*” (O debate sobre Cristo), London: SCM Press, 1979, vii, 4.
- [3] E.C. Dewick, “*Primitive Christian Eschatology, The Hulsean Prize Essay for 1908*” (Escatologia Cristã Primitiva, Ensaio do Prémio Hulsean de 1908), Cambridge University Press, 1912, 253, 254.
- [4] *1 Pedro 1:1, 2.*
- [5] *1 Pedro 1:20.*
- [6] E.G. Selwyn, “*First Epistle of St. Peter*” (Primeira Epístola de São Pedro), Baker Book House, 1983, 248, 250. Não concordo que a ideia de Pedro sobre Jesus seja diferente da de Paulo e João.
- [7] *Mateo 10:2.*
- [8] *1 Pedro 1:4.*
- [9] *2 Coríntios 5:1.* Esta é a tradução correta de “*aionios*”, ou seja, relativo à era vindoura do Reino, e não “eterno”. É claro que isto não significa que o corpo do futuro seja temporário. Ele confere a imortalidade e, portanto, dura para sempre. A aquisição desse corpo é, no entanto, o grande acontecimento da era vindoura introduzido pela ressurreição.
- [10] *Marcos 10:21.*
- [11] *Mateo 25:34.*
- [12] A forma sinóptica de exprimir a mesma ideia é falar do Reino “*que vos está preparado desde a fundação do mundo*” (*Mateus 25:34*).
- [13] *Juan 6:62.*
- [14] Véase *Juan 16:28* em NVI.
- [15] Dalman, “*Words of Jesus*” (Palavras de Jesus), 128-132, 248, 252.
- [16] Charles Gore, “*Belief in Christ*” (Crer em Cristo), *John Murray*, 1923, 31.
- [17] *Juan 8:58.*
- [18] Schurer, “*The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*” (A História do Povo Judeu no Tempo de Jesus Cristo), Vol. II, 529.
- [19] *Testament of Moses* (Testamento de Moisés), *1:13, 14.*
- [20] *Apocalipsis 13:8.*
- [21] *Isaías 7:14; Mateo 1:23.*

- [22] *Marcos 10:6; Mateo 6:30; Lucas 12:28*
- [23] *Romanos 4:17.*
- [24] *Juan 17:22.*
- [25] *Apocalipse 4:11.* O uso do verbo “eram” é interessante à luz de uma leitura alternativa em João 17,5 que fala da “glória que estava convosco”. Esta seria uma afirmação sobre a glória pré-existente (não o Jesus pré-humano) que Jesus rezou para que lhe fosse dada (*João 17:5*), e também aos seus seguidores (*João 17:22*). Ver *Raymond Brown, “The Gospel Against John”* (O Evangelho Contra João), Doubleday, 1970, p. 743. Note-se também que *Agostinho* e muitos outros comentadores não encontram provas de uma pré-existência literal em *João 17,5*.
- [26] *João 1:14.* Jesus encarna a sabedoria de Deus, bem como a “salvação” de Deus (*Lucas 2:30*).
- [27] *Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29 e segs.; 1 Coríntios 8:4-6; 1 Timóteo 2:5; Juan 17:3; 5:44.*
- [28] *Efésios 3:9; Colossenses 1:26; 2 Timóteo 1:9; Tito 1:2; comparar 1 Pedro 1:20; Apocalipse 13:8.*
- [29] *Romanos 1:4; Gálatas 4:4.*
- [30] Registamos o protesto justificado de *James Dunn* contra o comentário de *Cranfield* sobre *Romanos 1:4*. “Incomodado pelo seu uso de categorias anacrônicas, *Cranfield* continua a argumentar que Paulo 'pretendia limitar a aplicação de “que veio à existência” à natureza humana que Ele (o Filho de Deus, versículo 3) assumiu” (*Romanos*, 1-8, 15, Word Books, 1988). *Cranfield* se esforça para justificar a “ortodoxia” das palavras de Paulo, mas Paulo não era nem um trinitariano “ortodoxo” nem um ariano “heterodoxo”.
- [31] *Provérbios 8:12.*
- [32] *2 Pedro 2; Atos 20:29-31.*